

O Ministério da Cidadania e a
Fundação Edson Queiroz apresentam a exposição



Glenn, 2011, óleo 1/144

Stênio Burgos

Realtopia



Um olhar que vai de Crateús, no sertão dos Inhamuns, até a Holanda. Stênio Burgos, peregrino que contempla as paisagens e as devolve em telas, é capaz de enxergar a dimensão do mundo em cores. Sua obra é a composição policromática da vida que se expande por tudo o que nos é comum e nos arrasta para o campo imagético do sentir. Vemos sertões e neve. Vemos flores e solidão. Vemos praia e casas preenchidas por pessoas.

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará, estudou na Europa com bolsa e residiu em Barcelona, na Espanha. A experiência no exterior ajudou a mapear o perfil eclético que ora irrompe em referências de sua terra – o Ceará, ora apresenta o saudosismo de quem viu e viveu paisagens incomuns aos olhos nordestinos. Este rompanete, no entanto, é a força por trás de sua expressão plástica. O que há de aparente sutileza em seus temas, tão íntimos às suas experiências, há também de intenso em técnica. É quase possível ser atingido pela paleta de cores tridimensional que não encontra mais na tela lugar suficiente para sua existência. Abarrotadas de sentimentos do artista, elas parecem querer nos atravessar.

A exposição Stênio Burgos – Realtopia instiga no público a sensação de eterna primavera, que o artista é capaz de imprimir mesmo em suas representações sertanejas. A reestilização do que é real para o imaginário pulsante de Burgos culmina em telas quase orgânicas em que se pode adentrar sem medo de se surpreender.

Eis aqui mais uma exposição da Fundação Edson Queiroz para todos os cearenses. Boa visita!

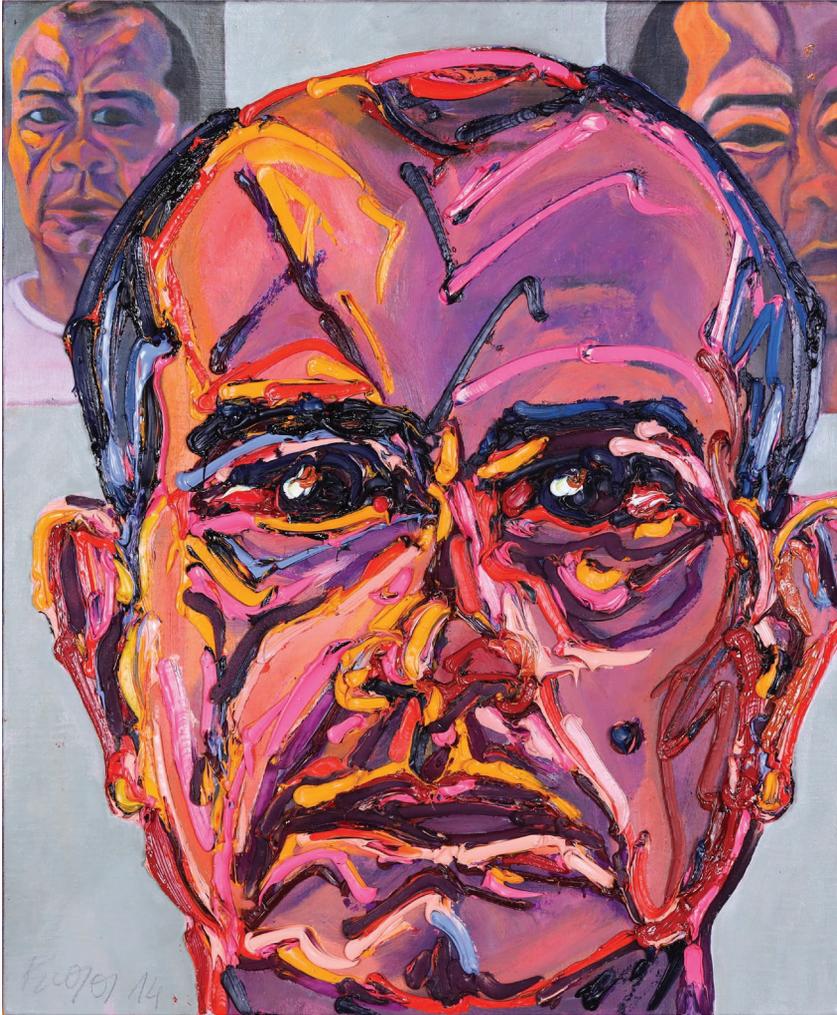
Lenise Queiroz Rocha
Presidente da Fundação Edson Queiroz



Suas telas estabelecem a desobediência impulsiva e criativa, resultando numa sensualidade colorida, vibrante. Ecoam como poemas, como canções. Um irresistível chamado para amar e defender a Natureza, revelando o Ceará que nos enaltece. Uma luz que aponta novos horizontes, deslumbra. Sacia e renova sua criatividade, sua sede de beleza e aprimoramento na fonte inesgotável das tradições populares. Tal como Alberto Nepomuceno. Sua cosmogonia o leva a navegar, sempre, numa eterna busca de sua Ítaca. Navegante das noites de lua, atende ao chamado do mar ao vislumbrar outros mares. E ouve a voz de Alencar ao dizer: "Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas." Pois que sua nau tem a permissão de Poseidon para singrar em liberdade, parte. Levando Caratiús na alma.

Na "Invenção da Solidão", o rito de passagem, iniciação que se repete. Numa ascese, a volta ao essencial. Atravessa o umbral, essa passagem entre dois mundos e penetra no infinito mar interior. O conhecido torna-se desconhecido porque o real não é redutível ao conhecimento. Encontra, no limiar, o porto: "Ma mer(e)", esse cais inseguro transformado por Pessoa numa saudade de pedra. Um convite para uma única e permanente viagem, repetição que se renova procurando chaves para as emoções. Um mundo sempre a descobrir. Sente que Ítaca está aqui e em todo lugar, enquanto tece a criação da beleza em suas telas. E navega no linho, no jardim e no mar de Papapua sob a proteção de Ogum, Oxóssi, Iemanjá, Oxum e Xangô. Seu barco não teme procelas, nem monstros, nem mesmo sereias! Dele, acena para Narciso, com a cumplicidade de Matisse. Atento, vê na terra a alma colorida dos eolianitos, que nos revela em seu esplendor. E segue a singrar novos mares conduzido por São José, nosso Padroeiro e seu xará, que sabe das medidas justas e do equilíbrio das formas. Ao transformar a tinta em espiritualidade, Stênio Burgos encontra a essência de sua busca: a consagração da Vida.

Olga Paiva
Curadora



Aos 60 anos VI - Me, Myself and I, 2014, óleo s/ tela



Realtopia – A jangada construída por Stênio Burgos

Por que a Odisseia, outra vez ressurgindo, subsistindo há mais de dois mil e oitocentos anos? São conhecidos e impregnantes os efeitos da Odisseia de Homero na literatura e nas artes no Ocidente. É o mais antigo poema épico escrito, a sobreviver íntegro em suas partes, que instaura o cânone dessa poesia que afinal é a Casa da Musa, a mais velha, a mais sábia, Calíope, a da Bela Voz.

Não bastaria só lembrar que a Odisseia é obra fundacional da literatura. Ela se tornou ainda fonte do conhecimento da civilidade oriunda da Grécia clássica – como a Teogonia, de Hesíodo, contemporâneo de Homero, iniciou o catálogo do panteão grego. Não é apenas a ambrosia o que trazem os pássaros aos deuses. Devastada a Grécia ressurgiu em tantos lugares, e a encontramos não só na literatura do Ocidente em obras capitais, mas nos Montes Parnaso, nos Olímpos ateus, nos Panteões, nos campos Elíseos, no Teatro, e daí alcançaram o romance e a poesia na contemporaneidade. Seja! Nossas palavras são gregas, a língua grega preencheu grandes lacunas do latim.

É o que faz, em moto próprio, nas artes pictóricas, o artista brasileiro Stênio Burgos. Os veios abertos pela obra do artista são fortemente enraizados na sua história pessoal e na cultura brasileira, popular e erudita, sendo ele um artista com longas estâncias em Espanha, Holanda, França, Itália. Por último veio embebendo-se de paixão, e inaugura-se na cultura clássica grega. Aqui podemos reconhecer um novo ciclo, em plena ebulição.

Bebeu do vinho tinto terroso da Grécia e cometeu duas sublimes ousadias. Faz uma transposição do mundo literário, submetido ao significante linguístico, a partir da Odisseia, o poema narrativo; para a formulação de uma cenografia pictórica minuciosa, deixando entrever a voz narrativa pelo relato de implicação cinematográfica, e de vocação declaradamente autobiográfica. Constrói um mural, um memorial, com uma seleção de cenas que marcaram seu percurso – e quase poderíamos ouvir o aedo com a voz suave dizer dos feitos do artista e das suas ousadias...

Nesta Realtopia, a presença do artista é exposta e sublinhada na altura do seu cometimento: incontáveis autorretratos do artista dão conta de como o tempo e as marcas da sua odisséia pessoal foram desenhando sua figura. Mas pode-se ainda reparar que os retratos estão sempre como a vigiar o mundo como espelho, e talvez a revelar um temor que provou, do mesmo receio que teve o Odisseu quando foi retido longamente nos abismos do mar, por Calípsos, ou foi batido pelas tormentas enviadas por Posídon, e temeu jamais poder regressar à sua Ítaca, e de não ser reconhecido ou ser apagado, ao final da travessia.

Stênio cometeu, pois, outro cristão atrevimento, incorporou em si o motivo central da Odisseia, sofreu com Ulisses ou como um Ulisses, no desditoso regresso ao seu país ancestral, em luta contra a vontade de um deus, durante o ciclo de dez anos após o cerco e destruição de Troia. É neste ciclo, na adversidade e não na embriaguez do triunfo que se dá a própria constituição do herói grego, que o faz Odisseu – Ulisses na grafia latina – fruto da sua Odisseia. Ele, o grande Ulisses perde todos os seus homens, seus navios, o seu butim, suas vestes. O rei nu, exausto, chega a nado ao reino dos Feaces, e ali encontra a compaixão, e empreende a reviravolta de seu destino, buscando suas forças a partir de si mesmo.

A costura fina dessa nomeada Realtopia, a ser recriada entre duas formas artísticas – a primeira o cânon da era de ouro, e entre duas díspares individualidades nacionais, necessitou de atos cirúrgicos delicados e precisos. Foi um tempo de aprofundamento e síntese da própria constituição do Stênio Burgos artista da visualidade, assumindo o destino de narrador de si, de seu país Brasil, e do seu povo. Vimos que foi se tornando mais e mais complexa a composição dos quadros, expressamente figurais, os motivos populares ladeando finos ornamentos, enquanto compunha até carnavalescamente o seu rosto, cada vez mais fundamente marcado de variadas cores. Percebemos que nesse ciclo distribuído noutros filões, como o panteão africano do candomblé, Stênio elencou e reuniu, intimamente, ao modo de um movimento ritualístico e até mesmo de transe da fé, os seus deuses, seus objetos de afeição os mais intensos, sua grande devoção aos amores e aos lugares originários, e foi então sinalizando diuturnamente as veredas e caminhos da travessia de regresso ao país de suas reminiscências, que residia nele mesmo e nos lugares memoráveis. Jamais se perderia. Vivendo ao mar de Amontada e em Fortaleza, construiu um grande barco e colocou, simbolicamente, amorosamente, tudo o que possuía de memorável no vinhoso e terroso mar Egeu, em pagamento a sua grande dívida com a Grécia de Homero. Creio que ali pôde prosseguir a travessia pelos mares, miticamente a retomar sua Itaca, sua ilha rediviva Caratiús, enredado no que de certamente mais profundo e resistente tenha na alma e na carne.

Lá, naquele sertão arcaico, sob as brumas da eternidade, como na sua topografia amorosa das cidades brasileiras, está a porção do mundo a que pertence, sua pátria. Como ensina Ulisses (Canto IX), "nada tem mais doçura do que a pátria e os parentes, mesmo quando se habita num rico domínio longe deles em terra estranha". Talvez por isso Stênio Burgos avise: esta odisséia não está concluída, em qualquer tempo posso modificá-la, reordená-la, retomá-la – mas sempre fiel à sua realtopia.

Ana Maria Roland



Devoções

Para muitos lares brasileiros, a proteção vem do Coração de Jesus e Maria, que representa o amor de Deus. Na Região do Cariri, a Renovação dos votos de dedicação ao Sagrado Coração é comemorada com lindas festas marcadas pela piedade popular.

Outros protetores também são motivo devocional. Vindos da África, os Orixás simbolizam as forças naturais e assumem representações no catolicismo. Sua devoção implica alimentar as divindades, sendo necessário preparar os pratos com esmero, conforme seus desejos e preferências. Xangô é o raio, o relâmpago, o trovão. Gosta de quiabo e mel, além de cerveja preta. É representado também pela inocente figura de São João.

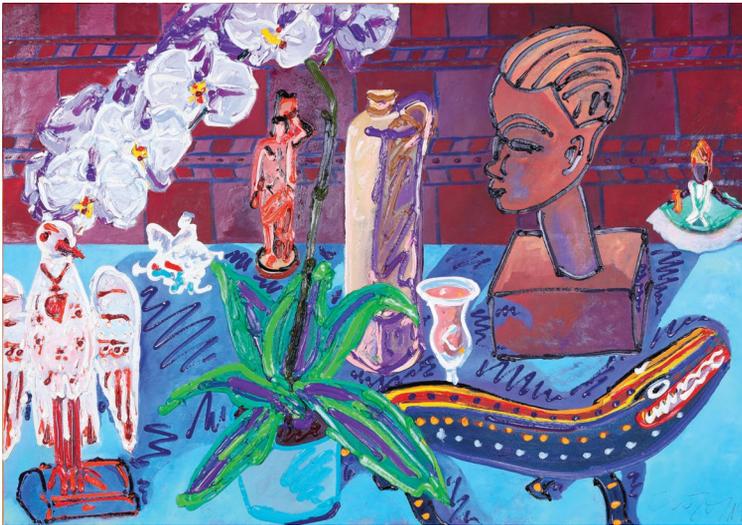
Ogum, inventor do ferro, é o guerreiro com a lança, pronto para a luta. É protetor da agricultura, apreciador de inhame e feijão fradinho regado com cerveja. Sua representação católica é São Jorge, que mata o dragão.

Caçador e conhecedor dos segredos das matas, Oxóssi dá a segurança das jornadas através das matas e florestas. É também representado como São Sebastião. Vaidosa, Oxum gosta de espelho e ouro; faceira, adora se enfeitar e é irmã de Iemanjá. Prefere milho e couve, e só bebe água.

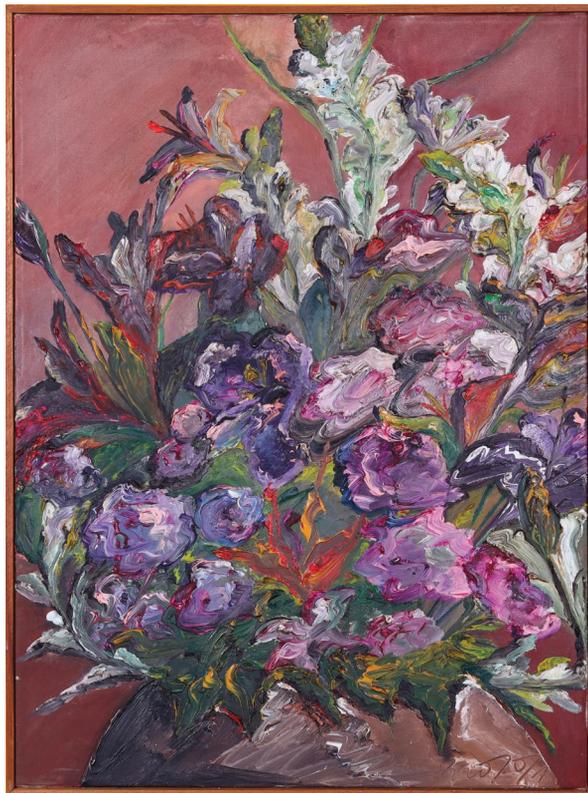
Iemanjá, Rainha do Mar, a mãe de todos os orixás. É Nossa Senhora em várias invocações, como Nossa Senhora da Conceição. Recebe oferendas e festas lhe são dedicadas.

A força das religiões africana e ibérica é uma prova da riqueza da nossa diversidade cultural. Elas constituem matrizes do Patrimônio Cultural, pois representam diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Olga Paiva
Curadora



Mandalay, 2019, óleo s/ tela



Bouquet das Mães, 2001, óleo s/ tela



Nas últimas duas décadas, Stênio Burgos desenvolveu uma profunda relação com a Holanda, país onde passou diversas temporadas, algumas exclusivamente para pintar. Admirador da tradição pictórica holandesa e fã das tintas produzidas por lá – que são as que mais usa – Stênio, conscientemente ou não, também foi aos poucos se aproximando das temáticas típicas dos grandes mestres holandeses, como a natureza morta (stilleven é um termo inclusive cunhado pelos holandeses), os arranjos florais e as paisagens domésticas, ainda que no seu caso estas se voltem para o exterior, vistas da janela ou do jardim – como nas séries feitas no

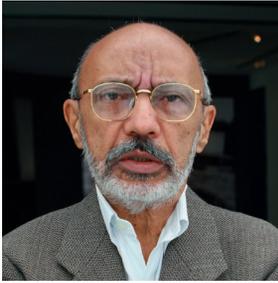
Rozengracht, em Amsterdã, e em Zeeland, no sul da Holanda.

Enquanto suas pinturas de arranjos florais, sempre opulentos, transbordam vida e cor – nem lembramos da fragilidade daquelas flores ao vê-las na tela numa explosão de beleza, como no quadro intitulado Ghana, pintado em Amsterdã em 2011, ou nos resplandecentes girassóis, retratados por ele mais de uma vez –, nas paisagens domésticas Stênio nos transporta para um lugar mais intimista. Os trabalhos das séries feitas no Rozengracht e em Zeeland colocam o observador no mesmo espaço que o artista, olhando pela mesma janela, para o mesmo jardim, vendo os sinais do outono, do inverno, da primavera, e sentindo o silêncio da paisagem como um instante de meditação.

Nada é fictício ou imaginário nos quadros de Stênio Burgos. Sua pintura destila a poesia do dia a dia e faz com que o espectador passe a ver com outros olhos o que antes talvez sequer lhe chamasse atenção: a exuberância de cores num vaso de flores, os volumes sinuosos de objetos dispostos sobre uma mesa, uma árvore perdendo as folhas. Com suas pinceladas vigorosas, o artista narra momentos vividos e revela detalhes, aparentemente banais, que poderiam passar despercebidos, mas que se tornam únicos em suas telas.

Como em Gouden Barok, natureza morta que, apesar de ter sido pintada em São Paulo em 2019, mostra clara influência holandesa – o próprio título faz referência a uma das tintas da Old Holland usada em sua execução. A composição – com vasos e azulejos azuis e brancos, no estilo das cerâmicas de Delft, flores, queijos, uma garrafa de vinho – que poderia ser prosaica, ganha dramaticidade com a presença de uma faca e um torso ao centro. Stênio explora texturas, contrastes, tensões e deixa no observador a sensação de que há toda uma história contada neste pequeno recorte de seu cotidiano, uma história em que a Holanda também se faz presente.

Mariângela Guimarães



Carathiús

Cada qual tem o seu sertão. O de Stênio Burgos é marcado pela pré-desertificação dos Inhamuns, às margens do Rio Poty, onde vivia a tribo Carathiús. Lugar abençoado pela imagem do Senhor do Bonfim, trazida por Luisa Passos, que veio da Casa da Torre, Bahia, no século XVIII.

Carathiús é uma síntese entre natureza e cultura, sonho e luta, devaneio e sofrimento. É um lugar que se reinventa, mágico, na paleta de cores de Burgos, ora terrosa, ora azul cerúlea, como o céu do sertão costuma se mostrar, sem nuvens, deixando o sol arder em sua plenitude.

Burgos reconstitui este sertão, como crônica e alegoria. Carathiús é um pretexto ou alibi para falar do sonho, para mostrar a vitalidade da pintura, como forma de expressão, capaz de dar conta do sagrado deste chão, e da diversidade da cultura.

O sertão de Burgos incorpora imagens do santeiro Joviniano Feitosa, versos de cordel de Lucas Evangelista, telas de Rosa Moraes, uma gravura sofrida de Francisco de Almeida, o queijo de coalho untuoso da Fazenda Jatobá; uma conversa comprida na loja do seu Ferreirinha e uma oração de Dom Frágoso.

Carathiús é uma epifania vivida pelo artista, sol a pino, tão perto do paraíso, e tão distante ("légua tirana") do inferno das nossas inconstâncias. É um dos lugares por onde a Coluna Prestes passou, tendo, ao longe, o contorno da Serra Grande.

Burgos é o regente deste movimento que se organiza de várias maneiras e pode ser lido de trás para a frente, misturando ritmos, indo do "allegro" do sol e dos chocalhos, ao plangente da penitência de São Francisco de Canindé, passando pelo tirinete das rabeças, pelo baião do reisado, pela secura de um aboio.

Carathiús é como Burgos vê e pinta o mundo. Aqui no sertão; no Icará de Amontada, onde tem um de seus ateliês; em Fortaleza; numa rua de Amsterdam; numa praia holandesa (Zelândia), Burgos exercita sua alquimia e transforma o mundo em pintura. O que se pode mais cobrar de um artista que faz da criação sua interferência no mundo?

Burgos mergulhou no passado, para buscar as lembranças; situa-se no presente, para decifrar o caos, e nos aponta para a construção de um projeto de futuro.

Gilmar de Carvalho



C'est l'été 2010, à Paris

É o verão de 2010, em Paris. Stênio Burgos entra no 3, quai Voltaire, na loja Sennelier, velha gruta abarrotada de tudo de que o artista pode precisar. Ele compra umas folhas de papel Canson, um bloco de papel Kraft, algum lápis de grafite, outro de carvão, nanquim, pincel, enfim tudo que lhe é necessário para desenhar.

Sai, está na hora de seu curso de verão na Escola de Belas Artes, vai pelo quai Malaquais, dobra na rue Bonaparte, segue até o número 14. O templo. O ateliê.

O silêncio dos holofotes. Corpos raptados, sentados, dobrados, erguidos, nus em movimento, dança do ar, da luz e da carne, morada-mor de tantos enigmas.

Atrevido e humilde, o artista decifra e reza. Da aridez do preto no branco de seus esboços, nasce uma profusão de cores que bofeteia sua alma, e no risco da folha parda vigora a seiva e a textura de futuras flores. Stênio Burgos antevê seus buquês de Amsterdam.

Martine Kunz



Petits Oeillets de Colombie, 2008, óleo s/ tela



Conheci a pintura do José Stênio quando mais me fazia falta de um mestre e um amigo para compartilhar comigo a árdua caminhada na busca do rosto sempre oculto da Arte (com A maiúsculo), em época caracterizada por tentativas de desqualificar a linguagem da Pintura.

Acredito que ambos precisavam suprir a absoluta falta de ter com quem conversar sobre o nosso trabalho.

Ao ver a extraordinária energia que irradiava das suas pinturas, e a rapidez com a qual evoluía o seu trabalho,

tornamo-nos amigos.

Essa amizade tornou-se indispensável para mim, no diálogo entre o sax-tenor (ele) e o clarinete (eu).

Ele sempre falou alto, mas eu respondia para a música não parar.

A atual exposição nos apresenta trabalhos que incidem sobre o mistério, ainda não esclarecido, da relação da Palavra com o Objeto, que já nasce na arte dos nossos antepassados, através da evolução da espécie humana.

Maciej Antoni Babinski



A Pintura em Stênio

Não é um instante, uma ligação imediata entre o que se percebe e o que se configura. Stênio posta-se diante dos temas, florais e humanos, com a alma à flor da pele. Num curto-circuito, dispara uma alucinada busca que rasga a pele de visualidade, encrespa as mãos, os músculos e os gestos, arrastando torrentes de pastas com pele de cores, em composições triunfantes de extrusão anímica. Ver Stênio é pôr o imaginário a bordo do milagre e do drama da criação. É saborear o circuito que liga a forma que inspira àquela que a alma interpreta. É sonhar com a criação. É comungar com o criador.

Pedro Eymar





FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

Presidente
Lenise Queiroz Rocha

Vice-Presidente
Manoela Queiroz Bacelar

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Chanceler
Edson Queiroz Neto

Reitora
Fátima Maria Fernandes Veras

Vice-Reitor de Graduação
Henrique Luis do Carmo Sá

Vice-Reitora de Pós-Graduação
Líliã Maia de Moraes Sales

Vice-Reitor de Extensão e Comunidade Universitária
Randal Martins Pompeu

Vice-Reitor Administrativo
José Maria Gondim Felismino Jr.

Diretora de Comunicação e Marketing
Ana Leopoldina M. Quezado

Diretor de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação
João José Vasco Peixoto Furtado

Diretor de Planejamento
Marcelo Nogueira Magalhães

Diretor de Tecnologia
José Eurico de Vasconcelos Filho

ESPAÇO CULTURAL UNIFOR

Coordenação
Randal Martins Pompeu

Produção Executiva
Thiago Braga Martins

Gestão Espaço Cultural Unifor
Adriana Helena S. Moreira

Mediadores
Alunos da Universidade de Fortaleza

EXPOSIÇÃO

Curadora
Olga Paiva

Projeto Expográfico e Luminotécnico
Rodrigo Porto Oliveira

Assistente de Expografia
Victória Muniz

Conservação e Museologia
Fernando Marques

Montagem
Aluízio Barbosa e Paulo César Dantas / Carpintaria Unifor

Comunicação Visual e Projeto Gráfico
Diretoria de Comunicação e Marketing/Unifor
Núcleo Criativo
Diego Moreno, Felipe Ferreira e
Robério Barbosa

Cenotécnica
Caubi Cunha Feitosa, Jivago Donizetti Ribeiro, Roberto
Silva da Costa e Rodrigo Veras

Assistente de Produção
Nathália Bayer

Apoio
Kylder Dienstmann

Espaço Cultural Unifor | 23 set a 20 dez 2020

Visitação: terça a sexta, 9h às 17h; sábados e domingos, 10h às 17h

Curadoria:
Olga Paiva

Av. Washington Soares, 1321
Campus da Universidade de Fortaleza
85 3477.3319

Entrada gratuita
Estacionamento no local
www.unifor.br



Patrocínio



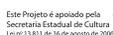
Apoio



Agradecimento



Apoio institucional



Realização

